



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**CAMPUS DO SERTÃO**  
**CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA**

**ELIANE DOS SANTOS DA SILVA**

**A RELEVÂNCIA DAS PLANTAS DA CAATINGA PARA A TERRITORIALIDADE  
INDÍGENA GERIPANKÓ**

**DELMIRO GOUVEIA - AL**

**2024**

**ELIANE DOS SANTOS DA SILVA**

**A RELEVÂNCIA DAS PLANTAS DA CAATINGA PARA A TERRITORIALIDADE  
INDÍGENA GERIPANKÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso-TCC  
apresentado à banca examinadora, como  
requisito para obtenção do título de  
licenciada em Geografia pela Universidade  
Federal de Alagoas, Campus do Sertão.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Gama Lima

**DELMIRO GOUVEIA - AL**

**2024**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S586r Silva, Eliane dos Santos da  
A relevância das plantas da caatinga para a territorialidade indígena Geripankó / Eliane dos Santos da Silva. - 2024.  
41 f. : il.

Orientação: Lucas Gama Lima.  
Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2024.

1. Geografia. 2. Territorialidade. 3. Plantas da caatinga. 4. Caatinga. 5. Geripankó. 6. Território indígena. 7. Povos originários. I. Lima, Lucas Gama, orient. II. Título.

CDU: 911.3



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO: GEOGRAFIA – LICENCIATURA

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

AUTOR(A): **Eliane dos Santos da Silva**

**“A relevância das plantas da caatinga para a territorialidade indígena Geripankó”** -  
Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia Licenciatura da Universidade  
Federal de Alagoas - UFAL/Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao  
corpo docente do Curso de Geografia  
Licenciatura da Universidade Federal de  
Alagoas e aprovado em 05 de abril de 2024.

**Banca Examinadora:**

Prof. Dr. Lucas Gama Lima - UFAL /Campus do Sertão  
Orientador

1ª Examinadora

Profa. Dra. Carla Taciane Figueirêdo - UFAL /Campus do Sertão

2ª Examinadora

Profa. Ma. Rosa de Lima Medeiros Neta - UNEAL /Campus Palmeira dos  
Índios

Dedico este trabalho a todo o meu povo Geripankó, em especial o pajé Élias Bernardo cuidador tradicional do nosso povo. Ao Cacique hoje encantado Genésio Miranda.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente ao Criador e o meu sagrado por me conceber a minha saúde, e trazer a oportunidade de cursar esse trajeto. Depois a mim que com todas dificuldades que enfrentei ainda assim tenho forças para continuar... a minha mãe Marlene que sempre lutou para que conquistássemos o espaço na escola, e chegar aqui com certeza é o meu sonho e também o dela, aos meus filhos Andressa e Vanderson, que apesar da minha ausência sempre me compreendiam de forma direta e indireta, eram o motivo para que eu não desistisse, aos meus irmãos que muitas vezes cuidaram dos meus filhos nesse trajeto, aos professores: Paul Clivilan, Ana Rísia, Maria Aparecida, Ivan, Alegnoberto, Flavia George, Vagner Bijagô, Suana, Noelia, entre outros; mas especialmente o Professor Lucas Gama Lima, esse segurou minha mão em uns dos momento mais difíceis da minha vida e não me deixou desistir do meu sonho. Aos meus amigos de sala a famosa panelinha: Rodolfo, Vanessa, Clélia e Ivonaldo sempre apoiamos uns aos outros fazendo com que as preocupações se tornassem mais leve durante o dia a dia no trajeto do curso. Ao meu irmão de luta, irmão este que através do movimento indígena e da UFAL, se tornou uma das pessoas mais importante do meu ciclo de vida (um irmão não de sangue, mas de coração) que segurou minha mão, e me apoiou em todos os meus momentos de alegrias, tristezas, indecisões e sempre está ao meu lado Érvison Wyraktan. Agradecer aos amigos Cleber Junior, Denise, Chaiene, Gentil Neto, entre outros que de forma direta ou indireta também me apoiaram nessa fase. E por último agradecer a toda equipe técnica da casa UFAL (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS).

## RESUMO

A presente investigação está envolvida no contexto de uma busca de compreensão da relevância das plantas da caatinga para a territorialidade indígena Geripankó, visto que o contato ativo com a mãe terra é essencial para o desenvolvimento, conhecimento e vivência dos povos originários que moram dentro do bioma Caatinga. Consideramos que a utilização regular das plantas da caatinga para os rituais, alimentação e trabalhos de cura evidenciam a identidade do povo Geripankó, sendo uma manifestação importante de sua territorialidade. Essa utilização das plantas da caatinga para os rituais e trabalhos de cura comprovam a sua identidade. Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa é a análise da territorialidade indígena do povo Geripankó, a partir do uso das plantas da caatinga em seus rituais e/ou atividades cotidianas. Dentro desta realidade o indígena Geripankó procura manter viva a sua tradição e crença perante essa necessidade de contato com a terra, assim como com as plantas do bioma Caatinga, que integram a vida deste povo. A geografia se faz presente dentro deste estudo a partir das reflexões sobre as categorias de território e territorialidade a partir da dinâmica social operada por um povo originário localizado no bioma da Caatinga. Parte-se do entendimento de que o bioma da Caatinga é imprescindível para a territorialidade Geripankó, porém este bioma sofre com o desmatamento, tendo suas plantas suprimidas todos os anos. Certamente, o desmatamento da Caatinga e a ausência de demarcação territorial são dois grandes desafios enfrentados pelo povo Geripankó. O trabalho está, em linhas gerais, dividido em duas partes: na primeira é realizada uma revisão bibliográfica sobre as categorias de território, territorialidade e (des)territorialização, ao tempo que é apresentada uma breve contextualização do povo Geripankó. No segundo momento, são apresentadas e discutidas as ervas usadas pelo povo Geripankó.

**Palavras-chave:** Plantas da Caatinga; Geripankó; Territorialidade.

## ABSTRACT

The search for an understanding of the relevance of caatinga plants to indigenous territoriality, since active contact with mother earth is essential for the development, knowledge and experience of the original peoples who live within the Caatinga Biome, this use of caatinga plants caatinga for rituals and healing work prove its identity. Its objective is to analyze the indigenous territoriality of the Geripankó people based on the use of caatinga plants in their rituals and/or daily activities. In this bibliographic investigation, we seek to analyze the territorial relevance, as well as the caatinga plants and their consequences for the Geripankó people. Within this reality, the Geripankó indigenous people seek to keep their tradition and belief alive given this need for contact with the land as well as with the plants of the Caatinga Biome, which is part of the lives of these people. Geography is present within this study so that the spaces are understood and given due respect so that the culture of the Geripankó people is maintained in view of the preservation of the Caatinga Biome. Concluding that the reality not only of Aldeia Geripankó, but in general, can be seen that the Caatinga Biome is one of the most devastated biomes, with this its flora and fauna species are ceasing to exist, since the preservation of spaces, but rather the removal of the forest.

**Keywords:** Plants of the Caatinga; Geripanko; Preservation.

## RESUMEN

Esta investigación se enfoca en comprender la relevancia de las plantas de la caatinga para la territorialidad indígena Geripankó, ya que el contacto activo con la madre tierra es esencial para el desarrollo, conocimiento y vida de los pueblos originarios dentro del Bioma Caatinga. La utilización regular de las plantas de la caatinga en rituales, alimentación y curación evidencian la identidad del pueblo Geripankó, siendo una manifestación importante de su territorialidad. El objetivo general de la investigación es analizar la territorialidad indígena del pueblo Geripankó a partir del uso de las plantas de la caatinga en sus rituales y actividades cotidianas. La geografía se hace presente en este estudio a través de reflexiones sobre las categorías de territorio y territorialidad operadas por un pueblo originario en el Bioma Caatinga. El desafío del desmatamiento de la caatinga y la falta de demarcación territorial son dos grandes problemas enfrentados por el pueblo Geripankó. El trabajo está dividido en dos partes: una revisión bibliográfica sobre las categorías de territorio, territorialidad y (des)territorialización, y una presentación y discusión de las plantas utilizadas por el pueblo Geripankó.

**Palabras clave:** Plantas de la Caatinga; Geripankó; Territorialidad.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Localização das etnias indígenas de Alagoas .....	22
<b>Figura 2</b> – Floresta do Bioma Caatinga .....	24
<b>Figura 3</b> – Ritual da puxada do cipó, festa tradicional Geripankó.....	29
<b>Figura 4</b> – Geripankós no trabalho artesanal com caroá, para confecção da vestimenta do praiá. ....	30
<b>Figura 5</b> – Foto da Catingueira. ....	30
<b>Figura 6</b> – Alecrim de vaqueiro .....	31
<b>Figura 7</b> – Território tradicional ocupado do povo Geripankó .....	32
<b>Figura 8</b> – Ritual do cansação na aldeia Ouricuri. ....	35

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Espaço Geográfico da Caatinga .....	23
<b>Quadro 2</b> – Plantas da caatinga usadas na cura de doenças físicas e espirituais na comunidade indígena .....	25

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
SIASI	Sistema de Informação da Saúde Indígena
STF	Supremo Tribunal Federal
TI	Terra Indígena
SPI	Serviço de Proteção Indígena

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE INDÍGENA GERIPANKÓ.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 O povo Geripankó no contexto histórico.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 Território, territorialidade e (des)territorialização .....</b>	<b>16</b>
<b>3 PLANTAS DA CAATINGA E A TERRITORIALIDADE INDÍGENA GERIPANKÓ</b>	<b>22</b>
<b>3.1 Identificação da caatinga .....</b>	<b>23</b>
<b>3.2 Identificação das plantas da caatinga usadas pelos Geripankó.....</b>	<b>25</b>
<b>3.3 Relevância das plantas da caatinga para a territorialidade Geripankó .....</b>	<b>28</b>
<b>3.4 Impacto da supressão da caatinga à territorialidade Geripankó .....</b>	<b>31</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Como explicou Ab'Saber (2003), a caatinga é uma região semiárida em um continente de grandes e contínuas extensões de terras úmidas a partir de uma análise dos fatores climáticos e morfológicos que contribuem para um déficit prolongado de precipitações com duração, em geral de seis a sete meses. Este caráter desigual de precipitações, que em média no Nordeste seco está entre 268 e 800 mm.

É um bioma exclusivamente brasileiro, que se estende na região Nordeste, com um clima semiárido com uma rica biodiversidade, contudo não é respeitado em muitas de suas situações. A sua característica acinzentada para quem não a compreende supõe que não tem vida, com isso é comum a associação imagética com uma região de fome e seca.

A vegetação da caatinga é de grande relevância para nosso povo além das atividades econômicas, também temos com exclusividade o uso das plantas da caatinga para uso medicinal, alimentício e cosmológico.

A caatinga é uma referência para os povos originários, por isso esses sujeitos buscam sua conservação, evitando que as espécies do bioma sejam ceifadas. Há uma comunhão nos ritos indígenas, através da qual cada povo professa sua crença e onde cada planta em seu significado e naturalidade perante o uso.

Dentro deste contexto pode ser observada a territorialidade do povo indígena Geripankó em seu manuseio para que possa professar sua fé em seus rituais, assim como os ensinamentos para as demais gerações para que sua cultura seja sempre eternizada, com isso há necessidade da conservação da caatinga para que essa vivência possa ocorrer.

Consideramos que se faz necessário estar atento às mudanças na sociedade e como isso impacta os povos. Desse modo, é fundamental fazer referência ao uso das plantas da caatinga para que o povo Geripankó possa ter esse direito de escolha perante os caminhos de suas raízes tradicionais, assim como a preservação das plantas do bioma caatinga diante do processo de humanização do território.

A necessidade de conservação da cultura de um povo é a preservação da identidade e continuidade de sua comunidade. Os povos originários têm essa essência com a terra, assim como para com sua biota, dentro de suas tradições para que o elo seja sempre mantido, diferentemente do uso da terra para a acumulação do capital, do uso da terra para fins do capital, mas que ocorra a preservação e conservação dos espaços do território indígena para que a vida possa ter sua importância para com a terra.

Nesse sentido, a presente investigação possui como objetivo geral analisar a territorialidade indígena do povo Geripankó, a partir do uso das plantas da caatinga em seus rituais e/ou atividades cotidianas. Seus objetivos específicos são: a) identificar as plantas da caatinga usadas pelo povo Geripankó; b) refletir sobre o território e a territorialidade indígena; c) analisar o desmatamento da caatinga e seus impactos à territorialidade indígena Geripankó.

A pesquisa é dividida em duas partes. Há uma revisão bibliográfica, na qual são postas em evidência as categorias de território e territorialidade, com ênfase no uso da caatinga para o modo de vida indígena. Para tal fim foram invocadas publicações de autores da Geografia e de outras áreas.

Os Geripankó como todo povo tradicional faz uso buscando a sabedoria cosmológica para o uso de ervas medicinais, dando continuidade os saberes do seus ancestrais e não deixando essa tradição ser esquecida. Para expressar aqui um pouco desses saberes busquei conversar com um dos cuidadores tradicionais desses usos e costumes do meu povo, o Evirson Araújo na coleta de informações sobre as ervas da caatinga, conhecido por Evinho ou Wyraktan Terê na sua comunidade, a minha entrevista foi baseada em dados do coletivo, sobre as ervas da caatinga e sua utilidade medicinal, alimentícia e ritualística para os Geripankó.

Busca-se assim expor um pouco da realidade diante do trabalhar dos povos originários perante do uso das plantas da caatinga, tanto para o uso de cura como para os rituais sagrado deste povo, seguindo as tradições para que seu elo com a terra não possa ser rompido, mas perpetuado a cada nova geração.

O motivo que ensejou o presente trabalho está o fato de eu ser indígena Geripankó e ter o interesse em estudar os hábitos e socializar, até onde me é permitido

pelo sagrado, a nossa cultura. Desde que nasci a minha mãe já era da tradição e sempre procurava nos ensinar da nossa cultura, diversas vezes presenciei a minha mãe fazendo o uso destas ervas, indo em busca delas no meio da caatinga para tratar diversos problemas de saúde desde nós humanos a animais domésticos, isso me chamava atenção, hoje eu procuro seguir os ensinamentos dela e dos nossos cuidadores tradicionais. Por isso, hoje se tratando do espaço e as plantas em nossa região denominada caatinga tudo é sagrado. Para nós Geripankó a caatinga é um espaço com uma biodiversidade de diferentes espécies de plantas medicinais, onde a preservação e valorização são de suma importância, pois é deste espaço que é colhemos as ervas como parte da nossa cultura. As diferentes plantas existem no território demarcado, e outras encontram-se fora do alcance do povo, mas somos conhecedores de suas localidades e em muitos momentos migramos em busca destas ervas em outros territórios não-demarcados.

## 2 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE INDÍGENA GERIPANKÓ

### 2.1 O povo Geripankó no contexto histórico

A história do povo Geripankó é marcada por muita luta e resistência, assim como a maioria dos grupos indígenas remanescentes dos Pankararu do aldeamento de Brejo-dos-padres no estado de Pernambuco indígenas que se reafirmaram enquanto povo no estado de Alagoas em meados dos anos de 1990 buscando o reconhecimento e a conquista de suas terras por parte do Estado brasileiro.

Esses indígenas foram submetidos a condições de relação de poder que refletiam uma sociedade historicamente construída para atender aos interesses capitalistas da elite no Brasil, onde o desenvolvimento e a produção exacerbada não medem esforços de não se condicionar à perspectiva indígena e sua relação com a natureza.

Os Geripankó são indígenas pertencentes ao grupo étnico Pankararu, cuja história dos mais antigos narra a vinda de José Carapina datada no ano de 1852 e outras famílias indígenas vindas do mesmo tronco étnico em 1897. Nesse processo histórico observa-se os claros interesses de apropriação privada da terra indígena por parte de latifundiários e oligarquias locais, provocando a migração forçada, isto é, uma desterritorialização, de indígenas para outras áreas da região, como foi o caso dos antigos vindos de Pankararu que atravessando o rio Moxotó que separa a divisão entre o estado de Alagoas e Pernambuco, situaram nas proximidades da serra do Pajeú e Simão em Pariconha – AL, hoje aldeia Ouricuri na terra indígena Geripankó.

Segundo Peixoto (2018, pág.41),

Por essa ótica, entende-se como cada novo grupo formado fora das terras dos Pankararu, mesmo constituindo novas ramas ou novos enxames tem contribuído para o fortalecimento étnico do grupo como um todo. Assim, mesmo habitando novas áreas, assumindo novos etnônimos a identidade do grupo vem sendo fortalecida.

Atualmente o povo Geripankó possui menos de 250 hectares de terra em posse, esse quadro se limita ao aldeamento do Ouricuri, essa foi uma compra de terra para os indígenas em 1992. Possuindo uma estimativa de mais de 250 famílias, segundo o Conselho Local de Saúde Indígena sobre famílias cadastradas no Sistema

de Informação da Saúde Indígena (SIASI), essa quantidade terra não é o suficiente para permanência de indígenas territorializados na etnogênese do aldeamento local, quando várias famílias estão espalhadas na zona rural e nas periferias da cidade de Pariconha –AL.

Os Geripankó temem a ameaça às suas práticas tradicionais inclusive no que se refere ao uso de plantas e a mata considerada sagrada para este povo e sua relação direta com a ancestralidade ou os encantados. Essa afirmação se dá pelo fato de haver os 1.100 hectares de terra reivindicados pelos Geripankó que se encontra em processo de delimitação, estudo e homologação pela Fundação Nacional dos Povos indígenas (FUNAI), órgão responsável pelos processos de demarcação das terras indígenas, pois há espaços sagrados entre mata virgem e nascentes em terras de interesse deste povo, por sabermos que durante todo esse tempo a visão sobre a natureza dos capitalistas e do papel especulativo da propriedade fundiária são totalmente diferentes da territorialidade indígena. Não existe garantia de que a terra, as ervas, as nascentes e os animais de caça serão geridos satisfatoriamente pelos posseiros que ocupam, atualmente, os hectares do território sagrado do povo Geripankó.

## **2.2 Território, territorialidade e (des)territorialização**

A luta pela terra no Brasil é bem antiga. Desde o processo da invasão portuguesa, em 1500, que os povos originários foram expulsos de suas terras ou mortos para cederem passagem ao empreendimento comercial colonial.

A política de aldeamento foi essencial para o projeto de colonização. Afinal, os índios aliados eram indispensáveis ao projeto, pois além de compor as tropas militares, eles deviam ocupar os espaços conquistados e contribuir, como mão de obra, para a construção das sociedades coloniais. Desempenharam importantes funções e foram, grosso modo, estabelecidos e administrados por missionários, principalmente por jesuítas (ALMEIDA, 2010, p.71).

Ao longo de todo o período colonial e, em seguida, imperial, o Brasil foi se constituindo através da expropriação das terras e bens naturais dos povos indígenas. A Lei de Terras de 1850 consolidou a propriedade privada de terras e a negação do território aos povos indígenas. Com propagandas do sistema dentro de uma visão de

um povo caboclos e marginalizados, não podendo assim ter credibilidade perante os meios sociais (LIMA, OLIVEIRA e MIRANDA, 2019).

A instauração da República Velha (1889-1930) em que o governo teoricamente se manifestou em favor do indígena no território nacional, oferecendo-lhe proteção, estava relacionada à ideia subjacente de que esses povos estavam condenados ao desaparecimento e deveriam ser preparados à integração nacional. Com propagandas do sistema dentro de uma visão de um povo caboclos e marginalizados, não podendo assim ter credibilidade perante os meios sociais (LIMA, OLIVEIRA e MIRANDA, 2019). Mesmo com a instauração da Nova República e a promulgação da Constituição Federal de 1988, pouco se alterou na vida dos indígenas, tendo em vista que seu modo de vida se choca com os interesses do homem branco a serviço do capital.

A imposição com brutalidade do homem branco para com os indígenas não é desconhecimento de ninguém, com isso existe a estrutura dominante perante a expropriação da terra, tratando-a, assim, como mercadoria, enquanto o indígena teria essa visão da terra como sagrada, parte essencial para a sua vida e continuidade nos processos.

A mobilidade indígena tem essa relevância diante da referência com a territorialidade, com os deslocamentos diante para os outros espaços diante da melhoria de um território para outro, era sinônimo do passado como ecológico equilibrado, porque dava o espaço de tempo para que a determinada área pudesse se recompor com os animais. Esse elo contínuo com a terra faz parte de sua identidade, com isso adentrava a relação com o território tradicional (BAGGIO DI SOPRA, 2020).

A desterritorialização de um povo original é compreensível diante do manejo com a terra, pelo bem do coletivo e do próprio espaço geográfico, que com isso passa a compreender outros espaços, sempre à procura de comida e local mais seguro, passando assim períodos em determinados espaços, com o intuito de migrar para outros espaços, por isso a necessidade de uma área de terra grande para que a manutenção da vida possa ser contínua (HAESBAERT, 2005). O autor contextualiza o termo desterritorialização colocando os grupos indígenas que migram de seus territórios de ocupação tradicional, numa condição de que esses povos são responsáveis pelo abandono completo de suas terras. Nessas condições é preciso

entender a ocupação numa visão ampla do território e territorialidade, para que se possa compreender as perambulações de indígenas no território nacional. Tendo em vista que esse processo desterritorialização ocorre numa condição de conflito para o êxodo e até mesmo posse inapropriada das terras ocupadas pelos povos indígenas no Brasil.

A exemplo das roças indígenas do povo Geripankó, quando em um ano o povo planta em determinado espaço, e espera dois ou três anos para poder aquele solo se recuperar, essa concepção de espera indígena ela pode ser compreendida como não uso de suas terras. Num processo de desterritorialização forçada de uma área ocupada ou que já foi ocupada pelo povo indígena, não significa dizer que aquele povo não tem mais pretensão pela terra.

A manutenção do território físico representa essa necessidade de fluidez dos povos para que o território possa realmente se recuperar, quando isso não ocorre o território fixo deve haver possíveis esquemas para manutenção de seus espaços, assim como reservas de alimentos para que possa estabelecer naquele espaço geográfico por mais tempo, essa forma de acomodação.

Muitos dos povos tradicionais do Nordeste foram desterritorializados de seus espaços sejam pelo plantio da cana de açúcar, seja pelo algodão, com isso o processo de fluidez era impedido para que pudesse se manter vivo, com isso muitos dos grupos se dividiram para que com isso pudessem sobreviver, visto que a vida é um bem precioso em qualquer cultura e único (HAESBAERT, 2005).

Os conflitos ocorreram, com isso a fuga era sempre o melhor caminho para os indígenas para se manterem firmes em outro território. A necessidade de estarem em terras que pudesse haver melhoria para seu povo, em algumas décadas passadas esconder sua origem em virtude da perseguição e extermínio, neste sentido pode ser compreendido a magnitude do sofrimento dos indígenas (BAGGIO DI SOPRA, 2020).

A reterritorialização é caminho diante deste povo que já se fazia presença antes dos portugueses adentrar nestas terras, com isso o compromisso no mínimo ético é conceder uma parcela de terra para que possam usar e desenvolver seus rituais sagrados, para que o respeito a vida seja preservado, visto que estes povos originários tem esse elo de ligação com a terra (HAESBAERT, 2005).

O indígena sofre com seu encolhimento ou expulsão de suas terras em virtude de interesses para o agronegócio, ou simplesmente para esperar valorização imobiliária. Essa e outras relações que a parte frágil da relação social que fica à mercê do poder, ficando assim um território fragilizado, necessitando de sua delimitação para que os indígenas possam ter uma relação com a terra. Nas últimas décadas está cada vez mais pesada a luta indígena pela terra e o seu direito de se manter em seu território. O Marco Temporal do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Congresso Nacional (Lei 14.701/23) é uma forma de conter o avanço social dos povos originários e representa a disponibilização de terras reivindicadas pelos indígenas para os interesses dos operadores do agronegócio.

Alguns ministros do STF, como Alexandre de Moraes, entendem que o direito à terra por parte das comunidades de povos originários independe do fato de estarem ocupando o território em 05 de outubro de 1988, data da promulgação da Constituição Federal, assegurando assim o direito diante do processo social com a terra.

Dentro da realidade do que está impresso na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 231, assim como em outras legislações que garantem a permanência dos povos originários em sua realidade, concretização dos direitos fundamentais, visto que é uma necessidade de manter as raízes daqueles que aqui já fazia moradia. Cumprir o compromisso social da terra é a base para o reconhecimento de sua ocupação física.

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os bens (BRASIL, 1988).

É válido mencionar que com o Decreto Nº 1.775, de 08 de janeiro de 1996, tem-se o decreto Nº 1.775, de 08 de janeiro de 1996 tem o cuidado com os procedimentos administrativo de demarcação das terras indígenas e com as devidas providências diante das demandas de cada povo, sendo assim uma atribuição da FUNAI e Ministério da Justiça a demarcação da terra. Em meados de 2011 foi lançada a Portaria Nº 2.498 de 31 de outubro para regulamentar mais e efetivar com prazos e punições para aqueles que descumprirem as normas (CARPES, 2020).

Considera-se que o usufruto da terra é a base para a continuidade da tradição indígena, 12,90% da extensão do território nacional, sendo que 90% destas terras estão localizadas na Amazônia Legal, nos demais estados da federação representam

um percentual insignificante para o montante de terra do território brasileiro, com isso pode ser compreendido a necessidade de demarcação do território indígena para que não percam sua identidade (FUNAI, 2015).

A demarcação das terras indígenas está longe de proporcionar um espaço digno para os povos originários inclusive para os Geripankó que lutam há mais de trinta anos pela conquista de seu território, um povo no sertão de Alagoas que necessita de suas terras em posse para a manutenção de sua cultura, tradições e crenças. Essa desafiadora realidade exige uma ação política e coletiva, sob a condução das lideranças indígenas, que cobre do Estado o cumprimento da legislação vigente.

A terra indígena necessita da atenção do Estado para que esse espaço geográfico possa ser suficiente e digno de seu povo, para que possam manter suas tradições, mesmo que o processo de violência seja grande, mas devem ser aprimorados diante de sua cultura e crença, visto que seus rituais, devem ser preservados diante de sua identidade.

Compreende-se, portanto, a necessidade do povo Geripankó de conquistar sua reterritorialização considerando o contexto de suas plantas medicinais nativas da caatinga para manter o uso e costumes tradicionais.

A pretensão da terra e do território para o povo Geripankó é para manter suas práticas culturais, onde a maioria dos recursos naturais, inclusive de uso contínuo dos indígenas, estão fora do que compreende a terra já ocupada pelos indígenas.

Trabalhar como meeiros ainda está sendo uma forma de sustento de algumas famílias Geripankó na agricultura familiar. A plantação de feijão e milho em tempos de safra é dividida entre o indígena e o dono de terra arrendada por não índio, ou posseiros como chamam na aldeia.

Dedicando-se ao roçado no plantio da banana, feijão e mandioca entre outros para conviver em comunhão, “aldeias se inter-relacionam parental, social, econômica, política e ambientalmente” (DARELLA, BERTHO e LITAIFF, 2004, p.302), sempre nesta reterritorialização diante dos próprios processos de enraizamento de seu povo, para que a região possa ter seu sentido de preferência perante o próprio processo de continuidade da vida em meio ao capital que visa sempre o lucro.

A necessidade do indígena para com seu espaço dentro de uma divisão social demonstra a aspiração de um de um povo originário em progredir e se manter firme em seus propósitos com a terra. O seu território demonstra a sua identidade frente aos desafios de sua tradição. A homogeneização da paisagem é compreensível dentro do contexto para a acumulação do capital.

O limite de uma terra indígena diante da realidade dos Geripankó deve ser compreendido dentro do espaço das demarcações e convergências entre as cidades vizinhas, com isso a necessidade da demarcação para que os entendimentos sejam atendidos diante do espaço geográfico. A necessidade de demarcação territorial é imprescindível que seja para a caça e retirada das plantas da caatinga para a cura e rituais se façam presentes diante do processo social do indígena.

### 3 PLANTAS DA CAATINGA E A TERRITORIALIDADE INDÍGENA GERIPANKÓ

Alagoas possui 11 etnias indígenas reconhecidas pela FUNAI, sendo que existem outras ainda não reconhecidas. Na Mesorregião do Sertão há cinco etnias reconhecidas, quase metade da totalidade do estado, mas nenhuma delas possui processo demarcatório territorial finalizado.

Fazendo uma aproximação sobre as etnias que habitam o baixo São Francisco onde se concentram os povos indígenas com relação direta com o rio, no semiárido catingueiro, estão os povos: Xocó – Porto da folha – SE, Kariri-Xocó – Porto Real do Colégio – AL, Tingui Botó – Feira grande– AL, Karapotó e Karapotó Plakiô em São Sebastião – AL, e os que compreende o sertão alagoano sendo eles Geripankó, Katokin e Karuazú em Pariconha – AL, os Kalankó em Água Branca – AL e os Koiupanká no município do Inhapi. Essas etnias mantem sua relação direta com o semiárido nordestino e atuam como guardiões natos no bioma caatinga, mantendo em seus territórios ancestrais e suas reproduções culturais, sociais, política e religiosa. As demais etnias estão representadas na figura a seguir:

**Figura 1 – Localização das etnias indígenas de Alagoas**



Fonte: 1: SEPLAG, 2017; FUNAI, 2018.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Disponível em: <https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/176ce785-d4fd-47e4-b050-79e2e2aec220/resource/ff6363a0-4ef6-478b-9646-5c29e79a813c/download/terrasindigenas.png>. Acesso em: 08 out. 2023.

### 3.1 Identificação da caatinga

A caatinga é um bioma de diferentes características e peculiaridades que a faz um bioma único. O regime pluvial irregular detém importante influência sobre esse bioma, o que marca a dinâmica social local, assim como o ciclo de crescimento das espécies vegetais e animais.

A palavra “caatinga”, na língua indígena, que significa “Mata Branca” ou “floresta branca”. Isso dá uma boa descrição desse tipo de vegetação, sendo que durante muitos meses ela tem um aspecto branco ou prateado, devido ao fato que a maioria das plantas perdem as folhas na estação seca (MAIA; NIKEL; GERDA, 2004).

A mata branca é sinônimo de resiliência frente aos desafios das condições edafoclimáticas do semiárido. O conhecimento e as práticas indígenas no manejo sustentável da caatinga os diferenciam daqueles que somente tratam esse bioma como uma reserva territorial para a especulação imobiliária, sem qualquer compromisso com o uso social da terra.

O uso não consciente resulta em complicações para a regeneração da caatinga, necessitando de uma melhor visão sobre o cuidar deste bioma diante do avançar do homem.

O Bioma Caatinga compreende cerca de 11% do território do Brasil), com aproximadamente 844.453km<sup>2</sup> dentro dos estados de Alagoas, Pernambuco, parte norte da Bahia, Sergipe, parte de Minas Gerais, Maranhão, Paraíba e Piauí. Esse bioma abriga uma biodiversidade de plantas endêmicas com fantástico sistema de adaptação para sobreviver a seca prolongada.

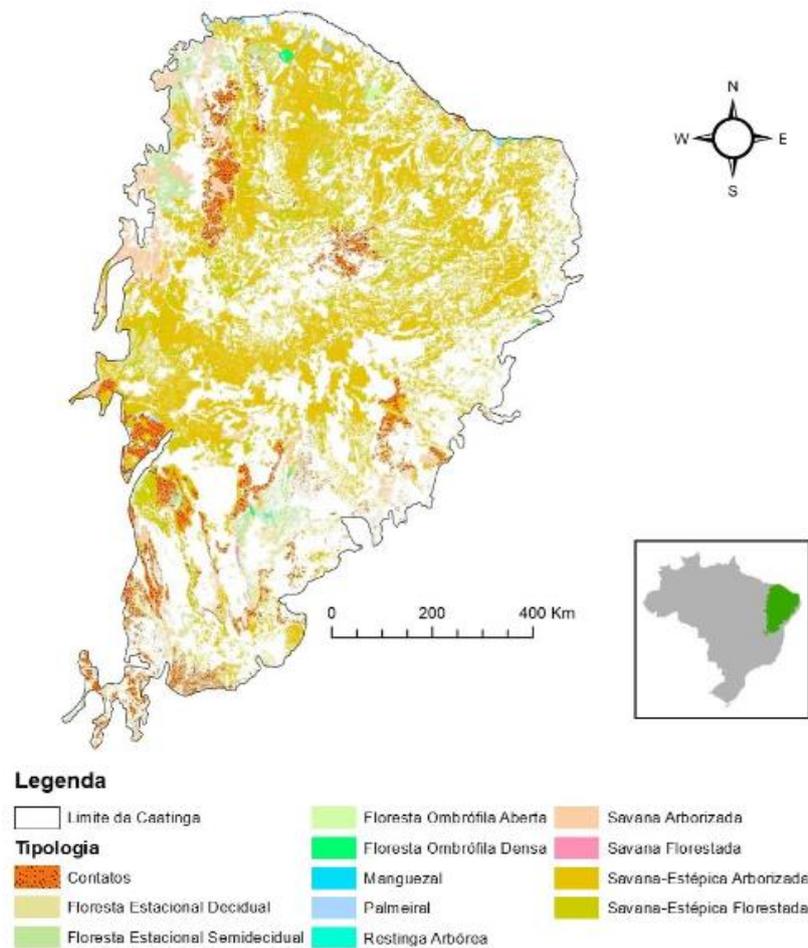
**Quadro 1 – Espaço Geográfico da Caatinga**

<b>Estados do Brasil que possuem parcela do Bioma Caatinga</b>	<b>Áreas contempladas com a Caatinga (KM<sup>2</sup>)</b>
Bahia	391.485,078
Piauí	149.463,382
Ceará	129.178,779
Minas Gerais	102.567,248

Pernambuco	85.979,387
Rio Grande do Norte	49.097,482
Paraíba	48.676,947
Alagoas	12.597,185
Sergipe	11.105,591

Fonte: 2 – Adaptado de Medeiros et al. (2012).

**Figura 2 – Floresta do Bioma Caatinga**



Fonte: SNIF<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Disponível em: <https://snif.florestal.gov.br/en/biomes-and-their-forests/253-mapas?tipo=tableau&modal=1>. Acesso em: 08 out. 2023.

### 3.2 Identificação das plantas da caatinga usadas pelos Geripankó

Vejamos o entendimento de Moreira (2015, p.13):

Quando cantamos e rezamos, estamos reverenciando à NHANDERU, e seus guardiões, TUPÃ, NHAMANDU, JAKAIRA, KARAI por tudo que ele nos ensinou para sobreviver, alegria, sentimentos, amor, tranquilidade, a sabedoria de falar somente a verdade e o necessário na vida, respeito aos outros, e repassar, praticar a tradição na oralidade [...] A linguagem de falar com os espíritos das plantas medicinais, frutas, e sementes que plantamos a forma de falar com o NHANDERU E NHANDE CHY. E principalmente a nossa organização social. Tudo isso praticamos em nosso espaço físico e espaço cosmológico.

Farias, (2013, p.123) relata que os Geripankó recorrem primeiramente a sua medicina tradicional.

Os primeiros sinais da doença são, na maioria das vezes, “atacados” com os recursos que se encontram mais acessíveis no momento, ou seja, aqueles que podem ser chamados de medicina tradicional Jeripankó. Esta consiste num conjunto de conhecimentos e receituários comprovados pela experiência de alguns membros da aldeia, que acionado em caso de situações similares às já experimentadas. Sua eficácia não é pequena -, seja aquela referida ao conhecimento empírico adquirido pela experiência e observação das qualidades curativas da flora (fitoterapia), seja pela eficácia simbólica e social dos rezadores e curadores, que juntos ao pajé exercem também o papel de mediadores do mundo natural com o mundo sobrenatural.

Assim os cuidadores tradicionais desenvolvem um sistema tradicional de cura com as plantas consideradas medicinais e de uso contínuo na aldeia. As ervas são usadas através de chás, garrafadas, lambedores, e nos rituais fechados de cura sob uma visão cosmológica das lideranças espirituais indígenas como banhos espirituais, uma particularidade do segredo dos saberes ancestrais indígenas.

Com base na coleta de dados de pesquisa qualitativa ao cuidador tradicional Ervison Araújo apresentado no quadro demonstrativo abaixo, estão algumas plantas da caatinga usadas na cura de doenças físicas e espirituais na comunidade indígena.

**Quadro 2** – Plantas da caatinga usadas na cura de doenças físicas e espirituais na comunidade indígena

<b>Planta</b>	<b>Nome Científico</b>	<b>Serventia oral das plantas por Ervison Araújo</b>
Croá, caroá, croatá	Neoglaziovia variegata.	Planta sagrada, a veste que cobre os encantados do povo Geripankó, a fibra do croá é utilizada nos rituais de cura espiritual do povo indígena.

Umburana	Amburana cearensis (Allemão) A. C. Sm.	Suas cascas são utilizadas nos banhos espirituais de cura. Suas sementes são utilizadas nos incensos e tem serventia para baixar a febre.
Aroeira	Myracrodunon urundeuva (Alemão).	As suas cascas são utilizadas para sarar ferimentos externos no corpo. As cascas são colocadas num recipiente com água durante um descanso noturno, no dia seguinte é tomada uma dosagem do feitiço desse remédio, para inflamação interna, e nos ferimentos internos é lavado até apresentar melhoras.
Velame/Velande	Croton campestris A. St-Hill (Euphorbiaceae).	Depurativo do sangue, e estanca sangue, ao cheirar as suas folhas no corrimento de sangue do nariz os indígenas têm essa planta como serventia para doenças no sangue. Auxilia no combate ao vômito quando se ingere o chá das folhas dessa erva.
Mororó	Baubinia cheilantha Leguminosae (Bong).	Utilizado no tratamento da diabetes. Através de um chá numa dosagem de duas vezes ao dia. A planta controla a glicemia.
Jatobá	Hymenaea courbaril L.	Dessa planta é utilizada a sua resina nos rituais de cura. Como uma espécie de incenso cheiroso, afasta os espíritos ruins purificando o corpo e o espaço. Além de também ter outras serventias no corpo físico que deve ser indicado pelo conhecimento dos cuidadores para que não haja problemas no enfermo.
Malícia	Mimosa sensitiva L.	Essa planta é muito utilizada para tratamento de feridas na boca. Essa doença está atrelada as crianças recém-nascidas, as mães preocupadas para não causar problemas gastrointestinal na criança recorrem a planta, fazendo uma espécie de lambedor com mel e açúcar, aplicando com pano ou na própria chupeta da criança até sarar.
Jurema preta	Mimosa tenuiflora, acácia, bostilis (willd)	A jurema é uma árvore sagrada para os Geripankó, é a árvore de descanso dos encantados, são

		utilizadas suas folhas, cascas e raízes, tanto na cura física e espiritual dos indígenas.
Malva Branca	Cida cordifolia	Utilizada para tratamento de queda capilar. As folhas da malva maceradas num pilão e posta em água, é feito um tratamento lavando duas vezes ao dia o cabelo até obter um resultado de melhora.
Jarrinha	Aristolochia.	É utilizada como uma espécie de banho de assento para acalmar o que as mulheres no pós-gestação chamam de manifestação ruim da mãe do corpo. Doença de entendimento da cosmologia Geripankó que causa fortes dores no período de resguardo de mulheres paridas. Assim a jarrinha é cozida e após fria é colocada numa vasilha para que se faça o banho de assento para acalmar a mãe do corpo
Ameixa	Prunus subg. Prunus.	É uma planta muito utilizada no tratamento pós operatório, as suas cascas são postas em descanso na água, e após obter concentração de suas propriedades na água o liquido é ingerido pelo enfermo numa dosagem orientada pelo cuidador tradicional. O mesmo feitiço desse remédio é utilizado para lavar as feridas externas que após alguns dias apresentam a cura.
Maracujá do mato	Passiflora edulis.	Essa planta é usada para tratar a insônia, e problemas do sistema nervoso, combate a ansiedade e auxilia na depressão. O chá das folhas e cascas do fruto devem ser utilizadas através do feitiço de um chá, tomado de acordo com a indicação e dosagem do cuidador tradicional.
Quebra pedra	Phyllanthus niruri.	Ele auxilia no tratamento de pedras nos rins. O feitiço de um chá tomado de acordo com a indicação da pajelança, ajuda na quebra dos cálculos renais.
Tipi	Petiveria alliacea L.	Planta de cheiro forte, muito utilizada nos banhos espirituais de

		cura deste povo. Suas propriedades na cosmovisão da pajelança Geripankó, é usada para afastar os espíritos ruins trazendo uma boa energia a áurea das pessoas.
Juazeiro	Ziziphus joazeiro Mart. Rhamnaceae.	As folhas e casca da planta auxilia no tratamento bucal. Ela foi muito utilizada pelo ancestrais para escovação natural dos dentes que no relato dos nossos mais velhos clareava e dava fortaleza aos dentes.
Quina - Quina	Cinchona-vermelha pubescens.	Essa planta é muito utilizada junto a outras plantas nas garrafadas, e lambedores para o tratamento de gripes (tosse brabas).
Vassourinha	Scoparia dulcis, (Crambidae).	Utilizada para tratar a gripe, a vassourinha junto a outras ervas tem grande eficácia no tratamento da gripe e febre. Usamos a vassourinha com mais três ervas, a folha da pinheira, e o alho por exemplo quando a criança está com tosse e febre.
Pião Roxo	Jatropha gossypifolia L.	Uma erva de extremo poder espiritual, a primeira que os rezadores (as) benzedores (as) recorrem para benzimentos. Ela afasta mal olhado, ou quebranto como chamávamos. Geralmente toda casa de reza na aldeia tem uma planta dessas no terreiro.

Fonte: 3 – a autora.

### 3.3 Relevância das plantas da caatinga para a territorialidade Geripankó

Abordaremos agora um pouco da relevância de algumas das plantas mencionadas no quadro anterior. Inicialmente tratamos do caroá, planta extremamente simbólica do povo Geripankó e dos indígenas do sertão de Alagoas.

E enquanto o caroá, a matéria prima natural para confecção da vestimenta do praiá estiver em terras de posseiros, os cuidadores tradicionais terão que interceder para manter os fardamentos sagrados e símbolo da cultura e tradição desse povo em pé.

Costumeiramente antes da corrida do umbu, os pais de folguedos, ou cuidadores tradicionais, renovam a farda do praiá, a vestimenta dos encantados, para tanto precisam buscar essa matéria prima, em terras dominadas por posseiros. Essa matéria prima em maior quantidade está centrada na fazenda Santa Helena onde parte de suas terras é reivindicada para demarcação como terra indígena. Nesse caso os indígenas estabelecem uma relação com o latifundiário para extrair essa matéria prima, porém até quando isso irá ocorrer? Ressaltamos que o espaço de produção dele é dinâmico e infelizmente a planta que é sagrada para mim pode não ser para o outro, enquanto o caroá é admirado por mim para manutenção da minha cultura, talvez para um latifundiário seja visto como uma planta que está a atrapalhar seu desenvolvimento de produção e logo pode ser extraído da terra.

**Figura 3** – Ritual da puxada do cipó, festa tradicional Geripankó.



Fonte: Registro de 2023 feito por Wyrakitã Terê.

Na imagem acima podemos ver claramente as vestes dos praiás, estas confeccionadas através da fibra do caroá. O fogo que queima as matas a mando dos fazendeiros e donos de grandes roças para produção capitalista, pode atingir o caroá, a mais preciosa planta que o bioma catingueiro nos dá para manter a nossa tradição.

**Figura 4** – Geripankós no trabalho artesanal com caroá, para confecção da vestimenta do praiaí.



Fonte: arquivo pessoal dos indígenas Geripankó, 2024.

**Figura 5** – Foto da Catingueira.



Fonte: foto tirada por Eliane Santos, 2024.

A catingueira, é da família Leguminosae-Caesalpinioideae, é uma árvore de porte médio e cresce irregular, típica da caatinga, ela oferta seus fins medicinais e alimentícios, uma planta utilizada para utilização de chás sua serventia para dores

abdominais para humanos e animais irracionais, também utilizada para alimentação dos animais e na produção de carvão, cercas e casas de taipa.

**Figura 6** – Alecrim de vaqueiro



Fonte: foto tirada por Eliane Santos, 2024.

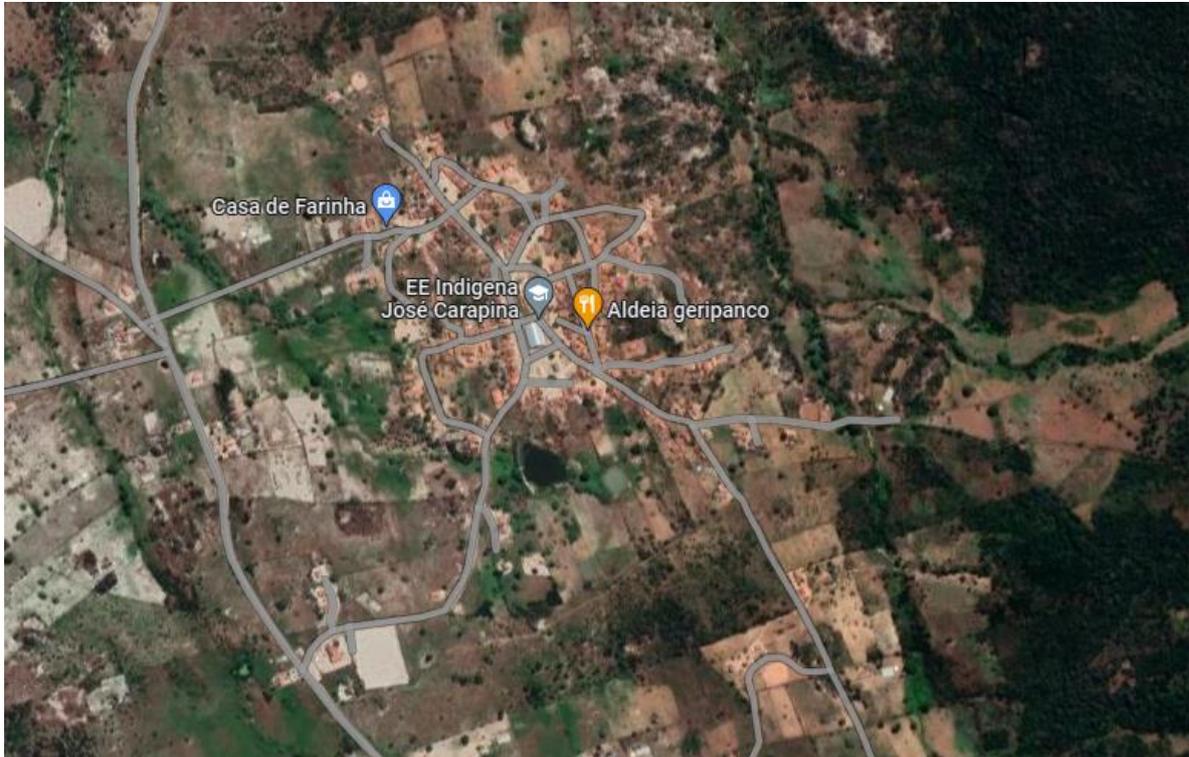
O Alecrim de vaqueiro, mas também conhecido como alecrim do campo é uma planta medicinal da caatinga da família *Baccharis dracunculifolia*, muito usada na tradição dos Geripankó. Na medicina usamos para tratar bronquite alérgica, sintomas gripais e sinusite. Também usada para limpeza espiritual conforme o sagrado pedir.

### **3.4 Impacto da supressão da caatinga à territorialidade Geripankó**

A aldeia Geripankó está localizada na zona rural no Povoado Ouricurí, na cidade de Pariconha-AL, com a codificação da FUNAI 19402 em fase regularizada, com traços culturais, ritos e tradições e da união de famílias Geripankó e Pancararú,

composição dos processos culturais de Pernambuco e Alagoas. Sendo assim uma coletividade de raízes étnicas.

**Figura 7** – Território tradicional ocupado do povo Geripankó



Fonte: Google Maps, 2023.<sup>3</sup>

A comunidade indígena Geripankó tem suas raízes e crenças nas tradições, que devem ser honrados perante os caminhos de suas obrigações com a mãe terra, para que assim possa estabelecer esse vínculo diante do processo com o Bioma Caatinga, para que assim os mais novos possam seguir suas tradições com os encantados.

A supressão da caatinga logo deixará os rituais mais complexo em virtude do processo com a terra em com a própria natureza dos locais sagrados em pontos primordiais com a caatinga, com o desmate dificilmente conseguirão estabelecer esse contato de forma ativa, visto que o respeito e a benevolência devem ser prioritários dentro do sacramentado.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.google.com/maps/@-9.2226786,-38.0245363,1533m/data=!3m1!1e3?entry=ttu>. Acesso em: 08 out. 2023.

A necessidade de preservação e uma reeducação ambiental devem ser trabalhados para que exista consciência de responsabilidade com o meio, garantindo a preservação do Bioma Caatinga para a compreensão da necessidade de sua preservação das espécies, para que não ocorra o processo de arenização e essa região venha a ser desertificada.

O IBAMA e IMA estiveram presentes em uma ação conjunta no final do mês de janeiro de 2023, nas cidades de Delmiro Gouveia, Água Branca, Olho D'água do Casado, Piranhas, Inhapi e Mata Grande, que teve como alvo coibir o desmatamento. De acordo com os órgãos mencionados, o desmatamento nos municípios citados corresponde a 700 campos de futebol. Vários responsáveis pela terra foram multados, sendo que o valor equivalente das multas alcançou 800 mil reais (G1, 2023). Há que se mencionar que dificilmente essas multas serão pagas, tendo em vista o histórico de impunidade que prevalece no Sertão do estado. Nessa mesma operação ninguém foi preso.

O uso da propriedade deve ser para fins sociais, que remete não só para a necessidade da família em sobreviver, mas em manter áreas verdes conforme o código ambiental, respeitando e limitando o seu uso de forma consciente diante de suas demandas, assim como promover esse equilíbrio para que mata possa restaurar a sua realidade natural.

A supressão da caatinga para fins comerciais, de força para forno de padaria à carvão vegetal é um impacto direto à vegetação do bioma caatinga que passa por situações que necessita ser revista, para que a fluidez do seu desenvolvimento possa ser sempre unificado para o bem-estar e social de todos. A preservação é objetivo que deve visar o crescimento e desenvolvimento de um povo com saúde.

A preservação deve visar a conservação do bioma, assim como o replantio para que a vida possa acontecer. A caatinga não deve ser vista como um bioma sem vida, mas um bioma em processo de transformação ativa diante das adversidades da ausência de chuvas, com isso reflete uma visão diferenciada para aqueles que não conhecem verdadeiramente a caatinga.

Para o povo Geripankó essa relação é complexa em virtude de perceber que muito dos locais onde eram sagrados não existem mais em virtude do desmate para

o plantio de alguma cultura ou simplesmente o desmate para a valorização da terra, essa visão de lucro com a terra é complexa e comum nos preceitos do capitalismo.

Esse impacto da supressão da caatinga para a territorialidade dos Geripankó, o monopólio da caatinga em mãos de um pouco, dificulta a vida da cultura indígena, assim para o campesinato, visto que esse cuidar não existe perante o latifundiário, simplesmente o que compensa para eles é o capital, valorização imobiliária diante de suas propriedades fundiárias.

Para os povos tradicionais os valores culturais com a terra são de grande importância, neste sentido a preservação dos espaços para seus rituais, assim como o uso da própria caatinga para o processo de cura e rituais sagrados

A tradição é uma árvore fincada na terra, as raízes são a força da nossa ancestralidade e precisa de nutrientes para que essa árvore cresça, porém isso deve ser trabalhado com as sementes dessa árvore, para que não deixe essa raiz dos antepassados desaparecer, mas seja fortalecida e vivenciada pelos mais novos, sendo assim um trabalho de resgate da cultura, que o velho e o novo devem ser administrados de forma coerente, não havendo assim um descompasso, mas uma harmonia diante do próprio cotidiano.

A mata branca como nomeou o seu povo nativo, deve ser preservada para as futuras gerações, esse bioma necessita de cuidados para que não deixe de existir, devendo ter por parte de seus filhos uma relação de cuidado ou uma forma de troca entre homem e natureza ecológica equilibrada, como forma de garantir as futuras gerações o uso futuro. A devastação desse bioma afeta a mãe terra no físico e no cosmológico.

**Figura 8** – Ritual do cansanção na aldeia Ouricuri.



Fonte: foto tirada por Rosivan Santana, 2024.

As áreas de Caatinga que têm o menor contato dos não indígenas tendem a ter uma vegetação mais densa e sempre formada por várias espécies, com relação não determinada.

A terra para o povo Geripankó não é somente vista como um espaço de produção sustentável em termos de produção econômica, a terra para o povo Geripankó é uma mãe que cuida dos seus filhos, ela educa a base de suas casualidades naturais na observância da natureza e como parte primordial para a existência humana.

O território é a base para que se possa pensar a realidade, cultural, histórica e política dos povos indígenas, é também no espaço territorial de um povo que conhecemos e reconhecemos os seus usos e costumes, o que faz viva a manutenção da cultura e a construção da identidade dos sujeitos indígenas.

Pensar a questão territorial e a relação com a natureza e o uso da medicina tradicional, é pensar o bioma caatinga como a grande farmácia viva não só para os Geripankó, mas também para vários povos que ocupam esse bioma. A natureza em sua mais bela perfeição oferta a subsistência de vida material e espiritual quando para estes é tido os encantados como ancestrais que moram na mata, e é nesse sentido que a preservação da natureza entra como pauta fundamental pauta de luta histórica dos Geripankó e dos povos indígenas no país. A tradição no uso de medicamentos

fitoterápicos ainda permanece viva nesse povo, por que abordar esse tema aqui? É justamente para dizer que a terra é a mãe que oferta a cura, física e espiritual a esse povo, pois é dela que vem toda força espiritual para manutenção da tradição e da cultura dos Geripankó.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Refletir sobre o uso das plantas medicinais e a territorialidade do povo Geripankó é garantir que essa pretensão pelo território não seja esquecida. É fazer com que as gerações indígenas retomem também a discussão territorial dentro de suas comunidades. As gerações indígenas atuais precisam tomar ciência do que os antepassados deixaram para que seja garantido o acesso à terra e a oferta que ela nos dar.

É perceber que os povos indígenas ao longo desse processo histórico de ações e interesses políticos capitalistas, sempre lutaram pela demarcação de suas terras, luta de mais de quinhentos anos que continuam até os tempos atuais. Os povos indígenas resistem até hoje a esses ataques, num tempo totalmente diferente daquele, porém as mesmas práticas de massacre ainda ocorrem, no que pode ser considerado: cooptações e silenciamentos de vozes indígenas.

Nós somos parte da natureza e como parte dela temos o dever de preservar as nossas vidas, e garantir para as futuras gerações o mesmo do que essa natureza pode nos ofertar, a água, o alimento, o frio e o calor, a cura de nossas enfermidades através das plantas, o ar que respiramos entre mais é também garantir a morada dos nossos ancestrais, a nossa cultura e nossos costumes, nossas crenças e tradições.

Nessa abordagem percebemos que a perspectiva do povo Geripankó com relação a terra e o território, não perpassa sem refletirmos a história desse povo indígena, tendo em vista que esses povos sofreram no passado e no presente grandes imposições na cultura na sua forma de organização social e na vivência em seus territórios. Hoje ainda se enfrenta visões preconceituosas sobre a forma de vida dos indígenas, com estereótipos e até mesmo o racismo, abrindo caminho para ataques genocidas e pautando ainda pela dizimação dos povos originários desse país.

As plantas da caatinga são muito importantes para a territorialidade do povo Geripankó, pois são empregadas para fins medicinais, ritualísticos e alimentícios. Contudo, a ausência de demarcação territorial e o desmatamento da caatinga contribuem para a perda desse patrimônio natural e social.

Nesse sentido pensar a sociedade num contexto geral para compreensão da causa indígena é também refletirmos enquanto indígenas o interesse de parcialidade a causa comum, todos nós precisamos da terra para sobreviver, lutamos por respeito de diferença nesse país, dos modos de vidas e culturas específicas pelos usos e costumes indígenas, e mais ainda pelo direito originário a terra, na garantia de que haja reprodução da vida, da cultura e tradição dos Geripankó.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. R. C. d. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BAGGIO DI SOPRA, Fernando Ernesto. **Territorialidade indígena no Rio Grande do Sul**. Terra Livre, v. 1, n. 54, p. 686-722, jan.-jun./2020.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. **Decreto Nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n.6, p.1, 9 jan. 1996. Seção 1.

BRASIL. **Portaria Nº 2.498, de 31 de outubro de 2011**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n.210, p.48, 1 nov. 2011. Seção 1.

CARPES, Melissa Ferreira. **Unidade de Conservação e(m) Terra Indígena**: os espaços do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e da Terra Indígena Morro dos Cavalos/Palhoça - SC. 2020. [Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina]. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/218394/TCC%20Melissa%20Carpes%20pdfa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 08 out. 2023.

DARELLA, Maria Dorothea Post; BERTHO, Ângela Maria de Moraes; LITAIFF, Aldo. **Os Guarani e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro**: gestão integrada para a etnoconservação. In: RICARDO, F. (Org.). Terras Indígenas & Unidades de Conservação da Natureza: o desafio das sobreposições. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004. p.298-302.

FERNANDES, M. F.; QUEIROZ, L. P. **Vegetação e flora da Caatinga**. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 70, n. 4, 2018. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252018000400014](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252018000400014)>. Acesso em: 06 out. 2023.

FUNAI - Fundação Nacional do Índio (Org.). **Vigilância e proteção de terras indígenas**: Programa de Capacitação em Proteção Territorial. Brasília: FUNAI/GIZ, 2015.

**G1. Alagoas tem área de caatinga desmatada equivalente a 700 campos de futebol.** 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2023/01/31/alagoas-tem-area-de-caatinga-desmatada-equivalente-a-700-campos-de-futebol.ghtml>>. Acesso em: 08 out. 2023.

HAESBAERT, Rogério. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, 20 a 26 de março de 2005, Universidade de São Paulo. 2005.

LIMA, Lucas Gama; OLIVEIRA, Amanda da Silva de; MIRANDA, Anderson Ribeiro. **Indígenas, terra e território em Alagoas**: uma análise geográfica da atualidade da resistência. Revista de Geografia (Recife), v. 36, n. 1, 2019.

LIMA, T. M. S. et al. **Plantas medicinais com ação antiparasitária**: conhecimento tradicional na etnia Kantaruré, aldeia Baixa das Pedras, Bahia, Brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v. 18, n. 1, p. 240-247, 2016.

MOREIRA, Marcos. **Visão guarani sobre o tekoa**: relato do pensamento dos anciãos e líderes espirituais sobre o território. Florianópolis, 2015.

SANTOS, Gislaine de Jesus. **Bioma Caatinga**: do estudo a desmistificação dos mitos acerca da sua biodiversidade, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/21291/1/Santos%2C%20OG.%20J.%202021.%20caatinga-monografia.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2023.

MAIA, G. Nickel. Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades. 2004. p.19.

AB'SABER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

LOPES, José Adelson; PEIXOTO. **Minha identidade é meu costume: religião e pertencimento entre os indígenas Jiripankó-Alagoas**. Recife, 2018. p.41.